

Ambientes Restauradores – Uma Discussão

Eugênio Mariano Fonsêca de Medeiros

Contato: eugenio_arq@yahoo.com.br

Linha de pesquisa: a Morfologia, Uso e Percepção do Ambiente Construído

INTRODUÇÃO

O intuito deste trabalho é apresentar a Relação Pessoa-Ambiente (RPA) sob a ótica de Kaplan, Kaplan e Ryan (1998) em sua Teoria dos Ambientes Restauradores. Essa revisão/atualização teórica é parte da tese em andamento “A Relação Pessoa - Ambiente *natural* (RPA_n) em parques urbanos sob a ótica do cinema de Hollywood da segunda metade do século XX” (título provisório), que tem como base uma de suas bases a teoria em questão, amplificada para Relação Pessoa-Ambiente Natural (RPA_n) uma vez que o objetivo é analisar as questões da ação entre pessoa urbana e o ambiente *natural* urbano através da ótica do cinema. A revisão aborda, ainda, o trabalho de Omstead, uma vez que foi um dos inspiradores dos conceitos que norteiam o trabalho dos Kaplan & Ryan.

OLMSTEAD

Embora a cidade contemporânea tenha criado um grande hiato entre as pessoas e o ambiente natural, persiste uma suposição de que a natureza humana necessita do contato com o mundo natural para reforçar sua essencialidade. Antecipadamente é possível perceber nitidamente alguns elementos constitutivos desta relação, dentre as quais se destacam:

- As transformações da afetividade com relação ao lugar (apego) ocorridas através da substituição do universo natural do cotidiano para o universo artificial dos lugares de socialização e vivência (*shoppings, malls, etc.*) têm criado uma memória afetiva mais ligada a símbolos urbanos que símbolos naturais do meio ambiente;
- A natureza natural (*natura naturans*) tem sido substituída (quando não suprimida) pela

natureza idealizada e racionalizada do paisagismo contemporâneo e seu uso como decoração de exteriores (anexo essencial dos ambientes artificiais nas cidades);

- A crescente ambivalência da população urbana em relação à degradação da natureza e do meio ambiente, que varia conforme o agravamento/abrandamento da crise ambiental (mudanças climáticas, esgotamento de recursos, amplificação de desastres naturais, contaminação dos aquíferos, etc.)

Evidentemente que esse processo não se desenvolveu espontaneamente como pode ser sugerido pela crítica do *establishment*. É possível que ele tenha surgido como resultado de uma série de eventos (provocados intencionalmente ou não), associados à economia e às relações de poder. Um dos elementos mais sintomáticos deste distanciamento é o descaso, visto na maneira como a natureza é tratada pelas pessoas na cidade contemporânea.

O conceito da integração direta com a natureza para aliviar a carga de estresse do cotidiano na cidade já fora enunciado no Romantismo europeu através das artes e seus diversos porta-vozes oficiais tendo alcançado uma espécie de ápice na Escola do Rio Hudson americana, escola esta que definiu os parâmetros da relação pessoa-ambiente nos Estados Unidos em meados do século XIX (SCHAMA, 2009). Na prática, o maior destaque egresso desta escola pictórico-filosófica foi Frederick Law Olmstead que veio a ser conhecido pelos imensos projetos de paisagismo urbanos Estados Unidos, particularmente os parques de Boston (*Emerald Necklace*), o Parque Nacional de Niagara e o Central Parque de Nova Iorque (CPNYC).

A natureza restauradora do ambiente embora já discutida, por exemplo, em Dickens e Zola (particularmente em *Germinal*) culmina na declaração



de Olmstead durante a construção do Central Park de Nova Iorque, segundo o qual:

O antídoto ideal para o estresse e artificialismo da vida urbana era um passeio através de um parque pastoral (...) a contemplação ocasional de cenários naturais de um caráter impressionante (...) é favorável à saúde e vigor do homem (...); a renovação que decorre de tais cenários é rapidamente compreendida (OLMSTEAD *apud* TWOMBLY, 2010).

A preleção de Olmstead adveio de sua observação do estresse provocado pelo frenesi na cidade que mais crescia no mundo na época, Nova Iorque. Os trabalhos realizados para a construção do CPNYC perduraram quase meio século, sendo concluídos em 1973. Do início da construção até nossos dias, a cidade cresceu, sofreu todas as modificações urbanas cabíveis, mas manteve o CPNYC basicamente inalterado em sua estrutura e no seu princípio funcional: o ambiente restaurador.

KAPLAN, KAPLAN & RYAN

Em 1998 Rachel Kaplan, Stephen Kaplan e Robert L. Ryan lançaram o livro *“With People in Mind”* (KAPLAN, KAPLAN, RYAN, 1998) apresentando o resultado de suas investigações no âmbito da Psicologia Ambiental e enunciando os benefícios da integração/interação ativa/passiva de humanos com a natureza. A pesquisa, realizada por meio de sondagens em clínicas e hospitais, concluía que a presença da natureza em ambientes de saúde amplificava e acelerava o processo de cura e que a dinâmica do cidadão urbano com a natureza em suas formas diversas (pets, parques, jogging, etc.) aliviava o estresse do cotidiano e redimensionava a solidão inerente aos grandes centros.

A Teoria do Ambiente Restaurador [*Attention Restoration Theory* (ART)] postula que a recuperação do bem estar psicológico e emocional após estresse e fadiga mental é adquirido através da atenção dirigida, particularmente quanto voltada à natureza (ULRICH, 1991). Para que isso ocorra é necessária a presença de quatro componentes: *being-away* (afastamento), compatibilidade, *extent* (alcance e/ou tolerância) e fascínio (KAPLAN, 1998). Os principais elementos encontrados na Teoria são:

- **Quiet (reflexão)** - o lugar como elemento terapêutico para organizar ideias e possibilitar o restauro psíquico;
-
- **Wandering (dispersão)** – o lugar como elemento propício para divagar, perambular e assim se distanciar dos problemas do cotidiano;
- **Separation (separação)** – o lugar como separador dos elementos urbanos causadores de estresse e mal estar;
- **Wood (adequação)** – os tipos e/ou disposição de materiais encontrados na natureza/parque favorecem a melhoria e o bem estar;
- **View (vista)** – a pessoa não está fisicamente no lugar, mas se utiliza da imagem/memória como elemento restaurador.

Todos esses elementos analisados detalhadamente pelos autores levaram a um elaborado programa voltado para a arquitetura e o urbanismo, enfatizando os métodos de aplicação da Teoria para a construção do que viria a ser a cidade-sustentável.

OS OUTROS

A partir de então se deu início ao momento de questionamento da ‘natureza natural’ (*natura naturans*) não apenas em seu ambiente próprio como na cidade, propiciando o surgimento dos movimentos de responsabilidade ambiental, economia da natureza, sustentabilidade, *Green Building* e similares.

Em 1970 James Lovelock e Lynn Margulis lançaram a controversa Hipótese Gaia dando início uma outra série de eventos e estudos sobre a natureza e sua importância para o bem estar do homem em geral e desencadeando estudos mais aprofundados sobre a RPA.

Em 1984 surgiu o controverso estudo de James Wilson sobre a empatia/ não-empatia entre humanos e a natureza, conhecido como Biofilia. Em *Biophilia* Wilson postula que as pessoas já nascem com predisposição a se identificar/ gostar (Biofilia) ou não se identificar (Biofobia) com a natureza dando pistas a como resolver o impasse por meios da educação dos sentidos para criar uma empatia mais favorável aos portadores de biofobia



(WILSON, 1984). Embora ‘*O Gene Egoísta*’ de Dawkins tenha sido publicado em 1976, a teoria de que toda a vida é processada de acordo com as necessidades de reprodução do gene ganhou foro a partir dos anos 2000 devido o caráter ateu e evolucionário que descartava os critérios morais do *establishment*.

Por mais que desejemos acreditar no contrário, o amor universal e o bem-estar da espécie como um todo são conceitos que simplesmente não fazem sentido do ponto de vista evolutivo (DAWKINS, 2009).

Complementando essa discussão, ao tecer a sua teoria da empatia geral, Franz De Waal (2007) retoma a teoria do ‘bom selvagem’ de Rousseau revestindo-a de um argumento mais denso que o gene egoísta de Dawkins. Segundo ele, existiria uma empatia natural entre a natureza (*natura naturans*) e os humanos, o que permitiria que a primeira se tornasse restauradora para os últimos.

DAWKINS, R. **O Gene Egoísta**. São Paulo. Companhia das Letras. 2009.

DE WAAL, F. **Eu, Primata**. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S.; RYAN, R. L. **With People in Mind: Design and Management of Everyday Nature**. Washington, DC: Island Press, 1998.

SCHAMA, S. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TWOMBLY, R. **Frederick Law Olmstead** – Essential Texts. New York: W.W. Norton & Company, 2010.

ULRICH, R. S.; SIMONS, R. F.; LOSITO, B. D.; FIORITO, E.; MILES, M. A.; ZELSON M. **Stress Recovery During Exposure To Natural and Urban Environments**. *Journal of Environmental Psychology*, v. 11, 1991, p. 201-230.

WILSON, E.O. **Biophilia**. Cambridge. Harvard University Press. 1984.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora atualmente nos centros urbanos (cidades verdes, jardins verticais, produtos orgânicos, etc.) haja uma grande demanda de um retorno à *natura naturans*, a questão ainda permanece em aberto no tocante às relações pessoa-ambiente natural (RPA).

Que tipo de RPA desenvolverão pessoas nascidas e criadas nos ambientes esterilizados dos grandes centros urbanos com pouca ou (às vezes) nenhum contato com a natureza? E as que lidam diretamente com a natureza (aborígenes, camponeses, etc.) ao serem remanejados pelas forças políticas e econômicas, ainda desenvolverão algum tipo de RPA positiva? Quais os efeitos do *crowding* (apinhamento) nos grandes centros urbanos? Ou como é a relação no *sprawling* (espalhamento)?

Essas e outras questões permanecem a espera de pesquisas que ajudem a elucidá-las, o que aponta a necessidade não apenas de retomar a Teoria dos Ambientes Restauradores, mas de atualizá-la e complementá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS